



Jeff

Gillette Narrative — Nando, o Escriba

gillettenarrative.com

Nada está de fato terminado até chegar.

Uma canção existe no instante em que é escrita, mas só importa no instante em que alguém a ouve. Uma cura existe num caderno de laboratório, mas só salva vidas quando chega à prateleira de uma farmácia num vilarejo que nenhuma pessoa importante jamais visitou. A criação é a faísca. A distribuição é o fogo que se alastra.

Jeff não inventou o comércio. Não inventou os livros, nem o frete, nem sequer a internet. O que ele compreendeu, antes e mais plenamente do que quase todo mundo, foi que o futuro não pertenceria a quem fabricasse mais coisas. Pertenceria a quem encurtasse a distância entre querer e ter.

É um tipo estranho de poder. Não se anuncia. Ninguém ergue um monumento a um caminhão de entregas. Ninguém escreve um hino a um galpão. E, no entanto, os galpões exercem hoje mais influência sobre a vida cotidiana do que a maioria dos parlamentos.

Eis a parte que perturba as pessoas, se pensarem nela por tempo suficiente: a distribuição não se importa com o que distribui. Move poesia e propaganda com a mesma eficiência indiferente. Move remédio e desinformação pelo mesmo cano. O canal

não tem consciência — apenas vazão. O que significa que o verdadeiro peso moral desta era não recai sobre quem fabrica, mas sobre quem controla o portão.

Durante a maior parte da história, quem possuía a terra possuía a riqueza. Depois, quem possuía a fábrica possuía a riqueza. Agora, quem possui a rota — o algoritmo, a plataforma, o último quilômetro — possui algo que nem mesmo o dono da fábrica jamais teve: o poder de decidir o que a maioria das pessoas verá hoje, e o que jamais verá.

Não é um poder pequeno. É a forma mais nova de um poder antigo, e merece ser observado sem adoração nem pânico.

Há um custo enterrado em toda essa comodidade, e ele não recai sobre o cliente. Recai sobre quem cria, silenciosamente, uma negociação de cada vez. Todo criador que quer alcançar todo mundo acaba descobrindo que “todo mundo” tem um preço, e o preço se paga em controle. Você fica com a ideia. Você abre mão das condições.

Passei boa parte da minha própria vida movendo coisas — produtos, confiança, pessoas, histórias — através de fronteiras e idiomas para saber que isto não é cinismo. É apenas o formato da escala. Nada cresce além de certo tamanho sem começar a prestar contas a algo fora de si.

Esta, então, é a carta de Jeff. Não o galpão. Não o algoritmo. Nem mesmo a fortuna.

O poder da distribuição — a força silenciosa e não celebrada que decide, todos os dias, quais histórias completam sua jornada e quais morrem na gaveta.

Ferdinando